

PSICANÁLISE E FEMINISMOS: DIÁLOGOS NA CONTEMPORANEIDADE

Bianca Couto Bissoli (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Marcos Leandro Klipan (Orientador), e-mail: ra115225@uem.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas /Maringá, PR.

Ciências Humanas, Psicologia, Psicanálise

Palavras-chave: feminismo, psicanálise, mulheres

Resumo:

Nesta pesquisa teórica e explicativa a partir de uma revisão bibliográfica foi proposto um estudo sobre as produções que relacionassem psicanálise e feminismo, a partir da década de 80 até os tempos atuais. Pontos fundamentais da psicanálise como a castração, a inveja do pênis, o complexo de Édipo foram abordados e problematizados com respaldos de diversas teóricas psicanalistas e feministas. Questionou-se a importância que a psicanálise dá ao falo e a sua colocação das mulheres em uma posição de passividade, sem considerar a sociedade nas quais estas se encontram. Ainda, encontra-se uma conexão entre estes temas, o patriarcado e a forma que a sociedade trata a mulher.

Introdução

Esta pesquisa se refere a uma revisão bibliográfica da produção psicanalítica em diálogo com as teorias feministas, desde os anos de 1990 até os dias atuais.

As teorias psicanalíticas de Freud, em especial a do complexo narcisista, complexo de Édipo e da inveja do pênis, são vistas em sua maioria como baseadas no masculino. O complexo narcisista é estruturado sob a posse de um pênis, e a inferioridade narcísica própria das mulheres é traçada pela falta da posse deste. A base de estrutura feminina, para Freud, seria então a inveja do pênis; desta forma a vergonha, como percebemos durante esta pesquisa, é vista como uma emoção feminina relacionada à fraqueza e repressão

Para Molina (2011), Freud designava uma grande importância ao papel da inveja do pênis na constituição da feminilidade. Quando a inveja se iniciava, a menina abria mão da sexualidade fálica e ativa e aceitava uma sexualidade passiva.

Desta forma, no ponto de Freud sobre o feminino para a psicanálise de que a mulher é vista como passiva e uma “sombra” do homem por motivos anatômicos, inveja do pênis. Isto leva a um questionamento desses estudos, visto que os aspectos sociológicos geram influência no desenvolvimento da sexualidade das mulheres que fazem com que as mulheres assumam uma posição de passividade.

Assim, a psicanálise não surgiu com uma consideração crítica sobre a estrutura patriarcal tão presente na sociedade e na família. As reflexões desta eram outras e os conceitos foram elaborados dentro destas estruturas da sociedade ocidental

patriarcal, onde o termo “homem” é considerado como sinônimo de humanidade, inserindo a mulher nessa categoria. O sujeito universal da psicanálise ser europeu, branco burguês e homem, torna-se uma questão para o feminismo em geral (LAGO, 2012).

Irrrompe, então, no final do século XIX o movimento feminista europeu. Com este movimento as feministas da primeira onda e psicanalistas que questionavam Freud começaram a confrontá-lo como visto em suas *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* (1917). Logo, é necessário que Freud realize uma investida e responda às objeções e questionamentos possíveis que foram realizados pelas feministas (LAGO, 2012).

Materiais e Métodos

Foi utilizado o método de historiografia psicanalítica (KLIPAN, 2015), nesta pesquisa foi realizado o itinerário histórico da Psicanálise em seus diálogos com as teorias feministas. Foi buscado conhecer seus personagens, seus temas, seus avanços e/ou retrocessos. Artigos como *Uma voz Diferente* de Gilligan, *The reproduction of mothering* de Chodorow e *Gênero, uma categoria útil de análise histórica* de Scott foram estudados. Além de diversas obras importantes para o diálogo feminismo e psicanálise do período de 1980 até os tempos atuais, como proposto. Assim, foi feita a leitura do material já levantado e uma análise e categorização desses textos em temáticas mais significativas e, por fim, escrito um artigo científico como texto final de nosso percurso.

Resultados e Discussão

O fato das mulheres viverem em uma cultura dominada pelo masculino que não compreende, não apoia, não respeita e muito menos valoriza suas capacidades únicas e seu estilo deve ser levado em conta. Segundo Alonso e Fuks (2014, p.10): “[..] no seio do patriarcado, a forma de pensar a diferença dos sexos é tomando o masculino como modelo e deixando o feminino como negativo, ausente ou faltante, e também identificando o masculino com o simbólico e o feminino com a natureza”. Em vista disso, surgiu a necessidade de uma crítica a esses conceitos clássicos da psicanálise que podem ser interpretados dessa forma tão prejudicial.

Bianco e Almeida (2020) pontuam que para diversas autoras do movimento feminista quando Freud aponta a diferenciação sexual, existe uma marca de uma hierarquização social advinda do patriarcado. À menina se atribuem os sentimentos de perda e falta, já quanto ao menino, seu órgão masculino é supervalorizado. É possível então perceber que essa teorização é mais proveniente de uma posição sexista do teórico do que de “construções teóricas corretas”. Este ponto atesta que desde o início da psicanálise a forma como a mulher era vista já decorria de noções de uma sociedade patriarcal, fato que está presente até os dias atuais.

Assim, como resultado de uma maior pesquisa e uma aproximação analítica que enfatiza o relacionamento mãe-criança, família e cultura surge uma nova psicologia sobre as mulheres. Surgem então novas teorias que não enxergam mais a criança apenas de uma perspectiva intrapsíquica. O conceito de os problemas das mulheres

serem resultado de uma disfunção interna se altera e se transforma, agora a causa passa a ser vista como externa, assim dizendo, as mulheres possuem problemas emocionais por se encontrarem em uma sociedade projetada pelos homens.

Ao analisar a sociedade com um olhar crítico é possível perceber que os homens e as mulheres são constituídos através de sistemas de gênero, sistemas estes que realizam discriminação de alguns e oferecem privilégios a outros. É necessário que estejamos atentos para este olhar, para que por meio dele, seja possível realizar uma compreensão de como essas problemáticas sobre o desenvolvimento tanto dos homens como das mulheres tendem a estarem marcados por formas complexas e certas vezes sem consciência das determinações com base no gênero (BIANCO; ALMEIDA, 2020). Desta maneira, é essencial que a psicanálise atravesse as diversas barreiras de preconceito, em especial relacionado ao gênero, para que seja oferecido um recorte mais amplo e com mais desenvolvimento subjetivos de todos os sexos.

Conclusões

Assim, percebe-se que o diálogo psicanálise e feminismo por mais que possua várias décadas de avanço ainda é um campo em aberto que tem a possibilidade de se desenvolver e evoluir junto com a sociedade. É essencial que continuem sendo realizadas produções científicas referentes ao tema, visto que este é muito amplo e complexo, levando em conta aspectos sociais. A psicologia e a psicanálise possuem um papel essencial para a sociedade e a problematização desta, com mais estudos e compreensão sobre as mulheres e sua vida social e como as questões do patriarcado influenciam em sua saúde mental somente poderiam vir consequências positivas.

Agradecimentos

Agradeço ao orientador e à Universidade pela oportunidade.

Referências

ALONSO, S.; FUKS, M. A construção da masculinidade e a histeria nos homens na contemporaneidade. In: SILVA JUNIOR, N.; AMRA, P. (Org.). **Histeria e gênero**. São Paulo: nVersos, 2014.

KLIPAN, M. L. **Noção de feminilidade em Melanie Klein: subjetivações para além de um registro fálico**. 2015. 224 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/132216> Acesso em : 25 set. 2022.

LAGO, M. **A psicanálise nas ondas dos feminismos**. Florianópolis: EdUFSC, 2012, p. 1-23. Disponível em https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1350/a_psicanalise_nas_ondas.pdf?se Acesso em 28 mar. 2022

LO BIANCO, A. C.; ALMEIDA, M. Articulações psicanálise/feminismo: dificuldades e novas perspectivas. In: AGUIAR, N. **Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres**, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p. 115-136.

MOLINA, J. A. **O que Freud dizia sobre as mulheres**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.